





Centro Cultural UFMG

Março-abril 2023

Belo Horizonte

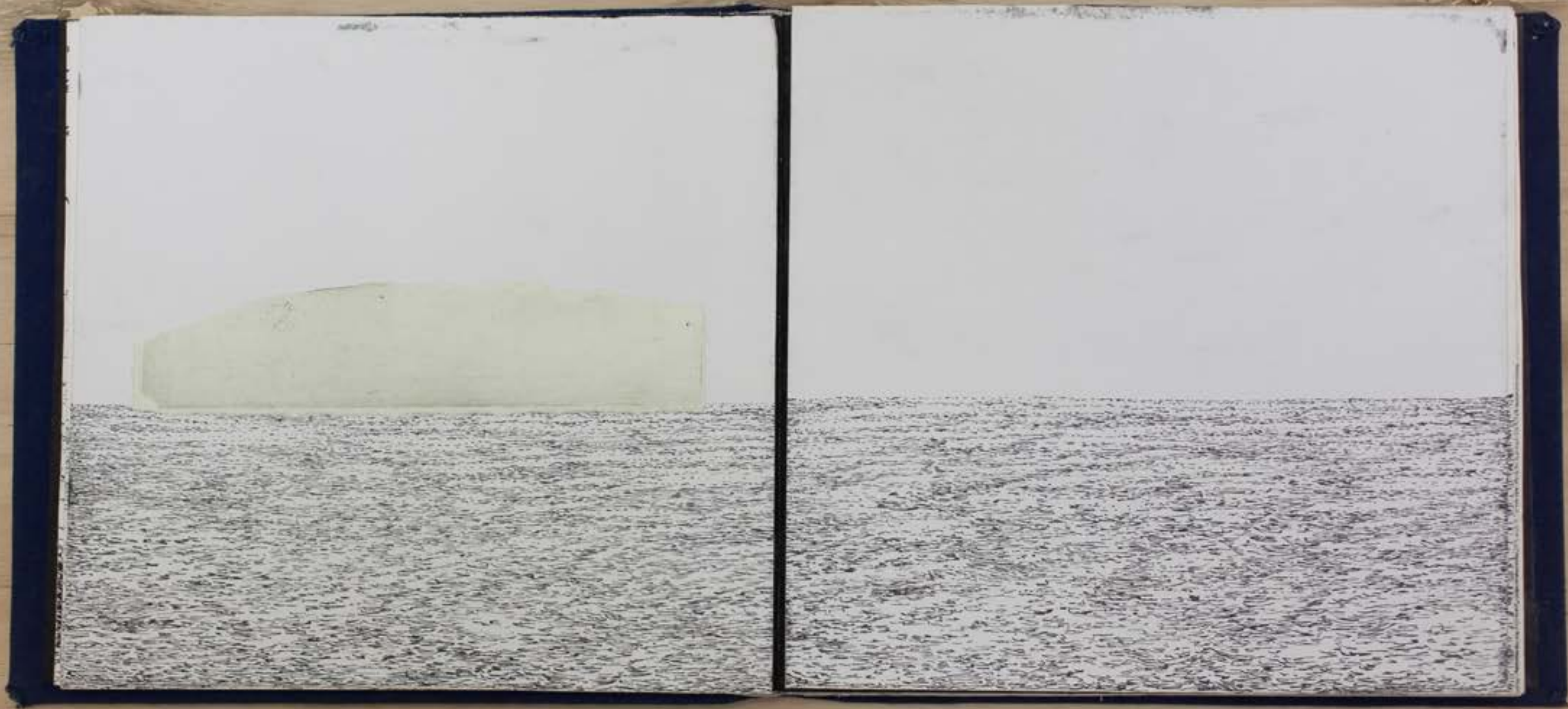
como sobreviver a um naufrágio

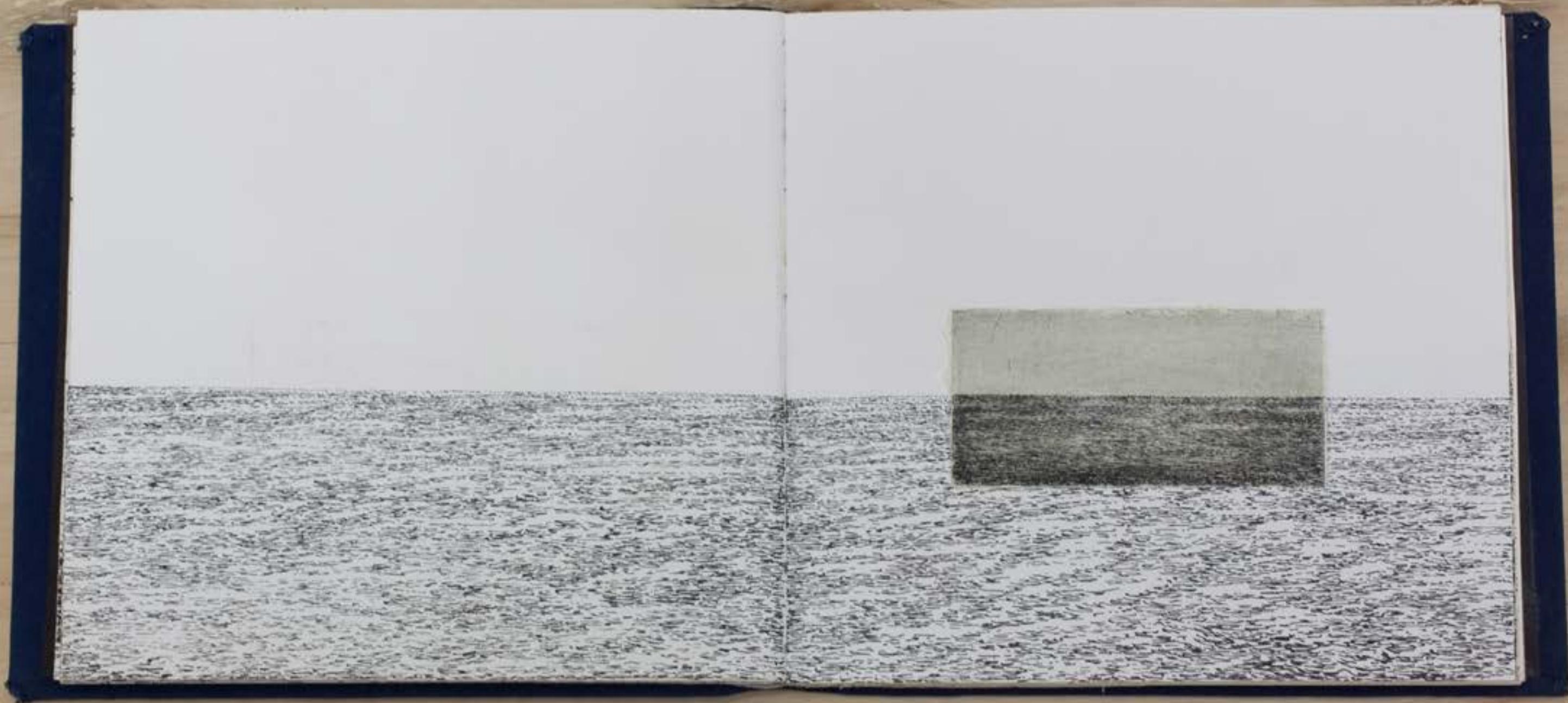
**exposição individual
de Márcio Diegues**

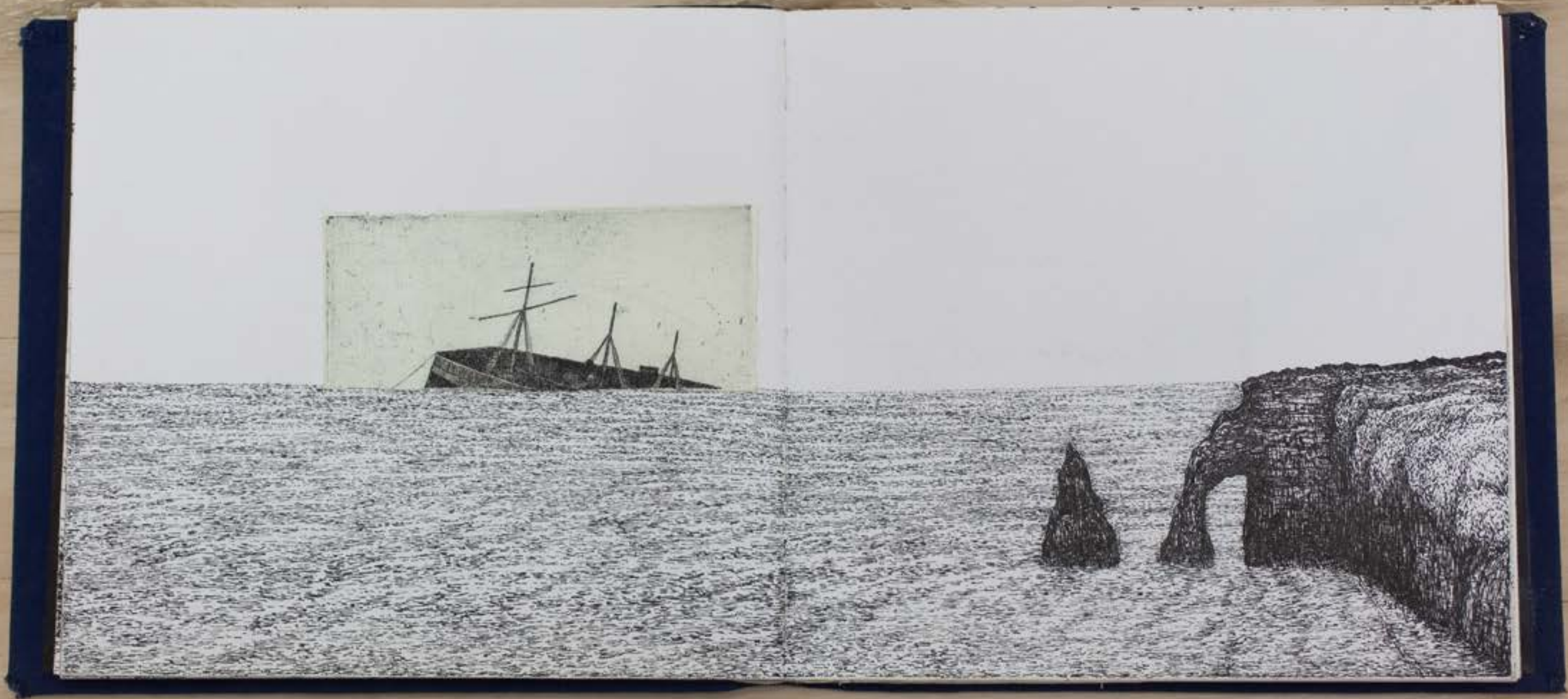
**texto crítico de Marina
Câmara e Daniela Amon**











como sobreviver a um naufrágio

Marina Câmara e Daniela Amon

I.

Em *Como sobreviver a um naufrágio*, mostra individual de Márcio Diegues, apresentada de 10 de março a 16 de abril no Centro Cultural da UFMG, foram expostos quase 70 trabalhos que lidam em diferentes graus de proximidade com a noção de naufrágio. O tema,

sobre o qual existe uma vasta produção tanto em âmbito literário quanto nas artes visuais, é tratado pelo artista a partir de monotipias, desenhos – sendo um instalativo de grandes dimensões –, gravuras, cadernos, duas mesas-tanque e objetos, dentre os quais um objeto-isca

usado pelo performer Moisés Borges em apresentações ocorridas em momentos pontuais ao longo da exposição.

O título, *Como sobreviver a um naufrágio*, tal como proposto pelo artista, aventa, por um lado, uma indagação (como seria possível sobreviver a um naufrágio?). Por outro, a ausência do ponto de interrogação na sentença sugere que ao termos contato com as obras expostas estaremos diante de instruções, de um manual ou de fórmulas, de algum tipo de esquema ou de respostas.

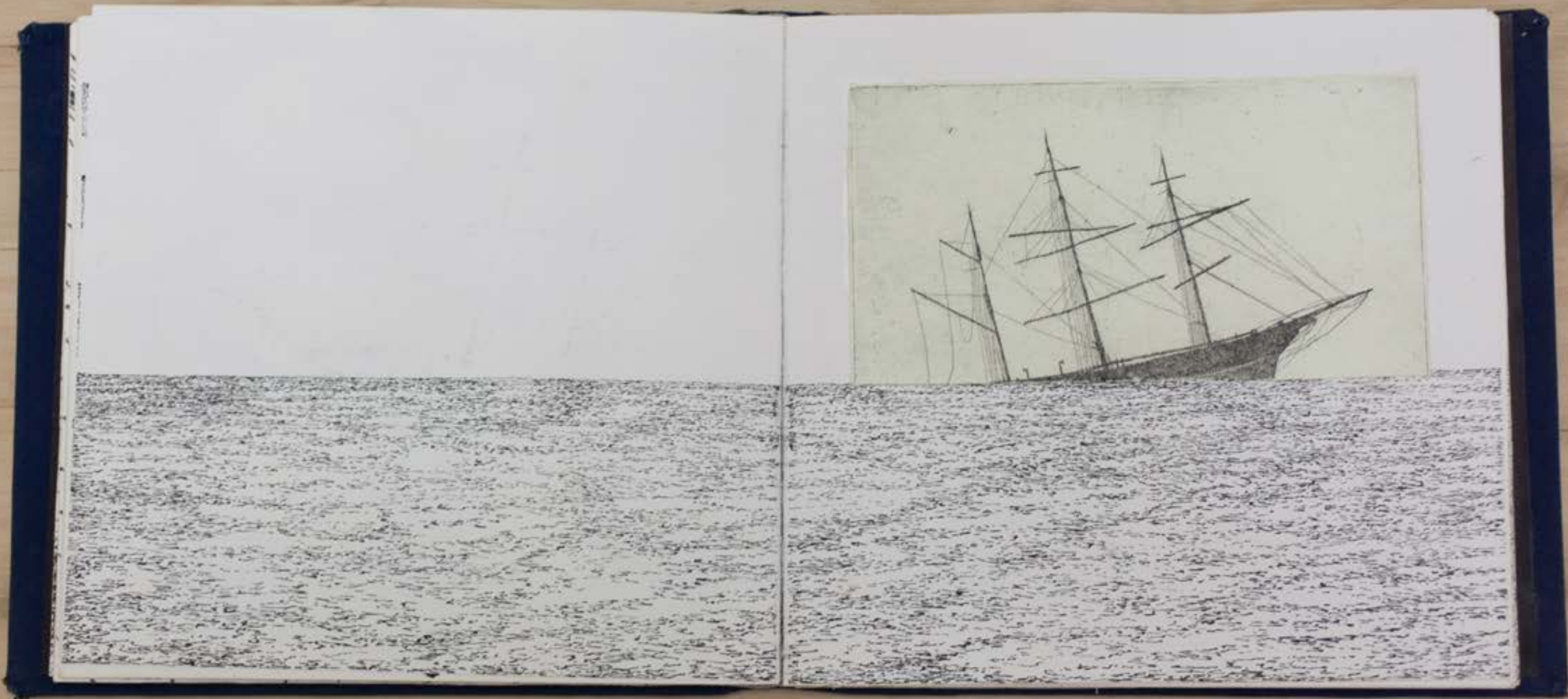


07. *Ipupiaras*, 2019.

08. *Objeto-isca Coroa* 2019.

09. *Objetos-isca Colar*, 2019





Como sobreviver a um naufrágio

Água e ar são tanto os elementos que condicionam a existência da vida humana, quanto a combinação que pode aniquilá-la. A relação do homem com a água foi determinante no abandono do nomadismo que, por sua vez, foi decisivo para os processos de domesticação da natureza. Não fortuitamente, dificilmente encontram-se cosmogonias que não partam de um caos primordial aquático.

O naufrágio é um dos eventos catastróficos e traumáticos que mais povoam o imaginário humano desde a Antiguidade – e nela sobretudo. As diásporas, cabais na configuração das populações e fundações de colônias são eminentemente aquáticas: vide, na contemporaneidade, a crise dos imigrantes e refugiados do Sul global que, na tentativa de construir uma vida nova na Europa, naufragam e perecem no Mar Mediterrâneo, ponto de encontro e de separação entre três continentes. As dimensões que o naufrágio tomou no imaginário humano fizeram, por fim, com o termo se tornasse metáfora para “falta de êxito; malogro, fracasso, insucesso, miséria física ou moral; decadência e ruína”, tal como

encontramos no dicionário. No trabalho de Márcio Diegues, o drama contemporâneo dos naufrágios no Mediterrâneo e o trauma histórico do transporte marítimo de seres humanos para a escravização se refletem, no trabalho *Hemisfério*, 2022, sendo ambos entendidos como desdobramentos de uma mesma problemática: a do colonialismo e do neo-colonialismo. Em *Hemisfério*, (bússola empoeirada e polimento manual), uma camada de pó e sujeira cobrem o Norte, como crítica à hegemonia (em termos gramscianos) do Norte global enquanto ponto absoluto de referência, e, por outro lado, como um desejo, análogo ao expresso pelo artista uruguaio Joaquín Torres García, de subversão da lógica colonial, conferindo visibilidade ao Sul. Explícita-se, portanto, o falimento de toda a história que exaltou e impôs o Norte, e a urgência de trazer à tona uma perspectiva outra.

É improvável não pensarmos aqui na ideia de que viver não seria preciso, mas sim navegar. Há por trás da expressão uma certa ode a um dos pilares do colonialismo do pós colonialismo, a saber, o tráfico humano tema, por exemplo, da pintura

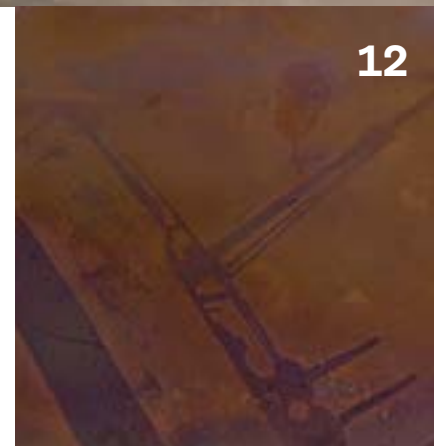
Márcio Diegues Centro Cultural UFMG



11. *A história é um naufrágio*, 2019.

inglesa mais importante do século XIX, *O navio negreiro*, 1840, de Turner. A tela é uma crítica do pintor a um episódio de genocídio e foi originalmente chamada *Mercadores de escravos que lançam ao mar os mortos e os moribundos*. A pintura representa o

massacre determinado pelo capitão Luke Collingwood que assassinou os escravos lançando-os no mar para não perder o seguro da “carga”. Cento e trinta e dois africanos, – homens, mulheres e crianças –, com suas mãos e pés acorrentados, foram



jogados nas águas infestadas de tubarões do Caribe.

Em outro trabalho apresentado em parceria com Moisés Borges, o performer apresenta-se ao público usando o objeto-isca criado por Márcio: um colar de pérolas cujo fecho é o enlaçamento de dois anzóis. Moisés, ao passo que posa, precisa estar ciente de que qualquer movimento em falso pode fazer com que ele seja fisgado, tendo sua nuca ferida pelo fecho da jóia. A obra denuncia outro naufrágio da humanidade, a saber, violência contra o homoerotismo. Estas perseguições, não obstante insistam em sobreviver ainda hoje, foram institucionalizadas durante a época do Império Bizantino, há não menos que cerca de mil e quinhentos anos atrás, por Justiniano I e sua esposa Teodora, famosos por terem punido por gerações a população insatisfeita com seu governo impopular. Foi o massacre do Hipódromo bizantino, para onde os quase 30 mil “rebeldes” foram convocados e no qual, lá chegando, foram massacrados pelas tropas imperiais que trancaram as saídas, impedindo que se salvassem. A pena se estendeu por gerações, já que

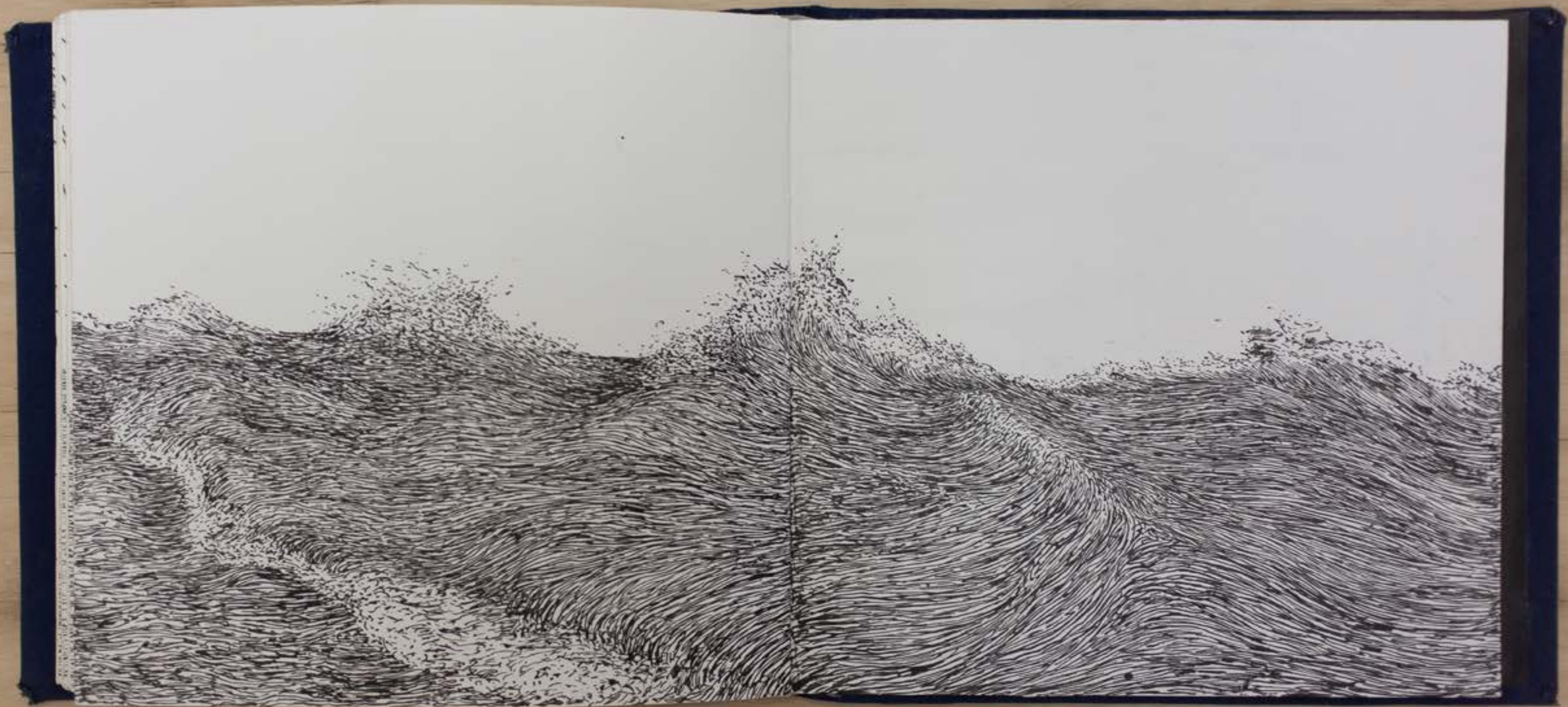
Marina Câmara e Daniela Amon



13. *Objetos naufragados/ encracados*, 2019.

as vítimas tiveram seus corpos jogados ao mar e seus bens confiscados, empobrecendo assim seus familiares, além de negar-lhes o direito ao funeral.

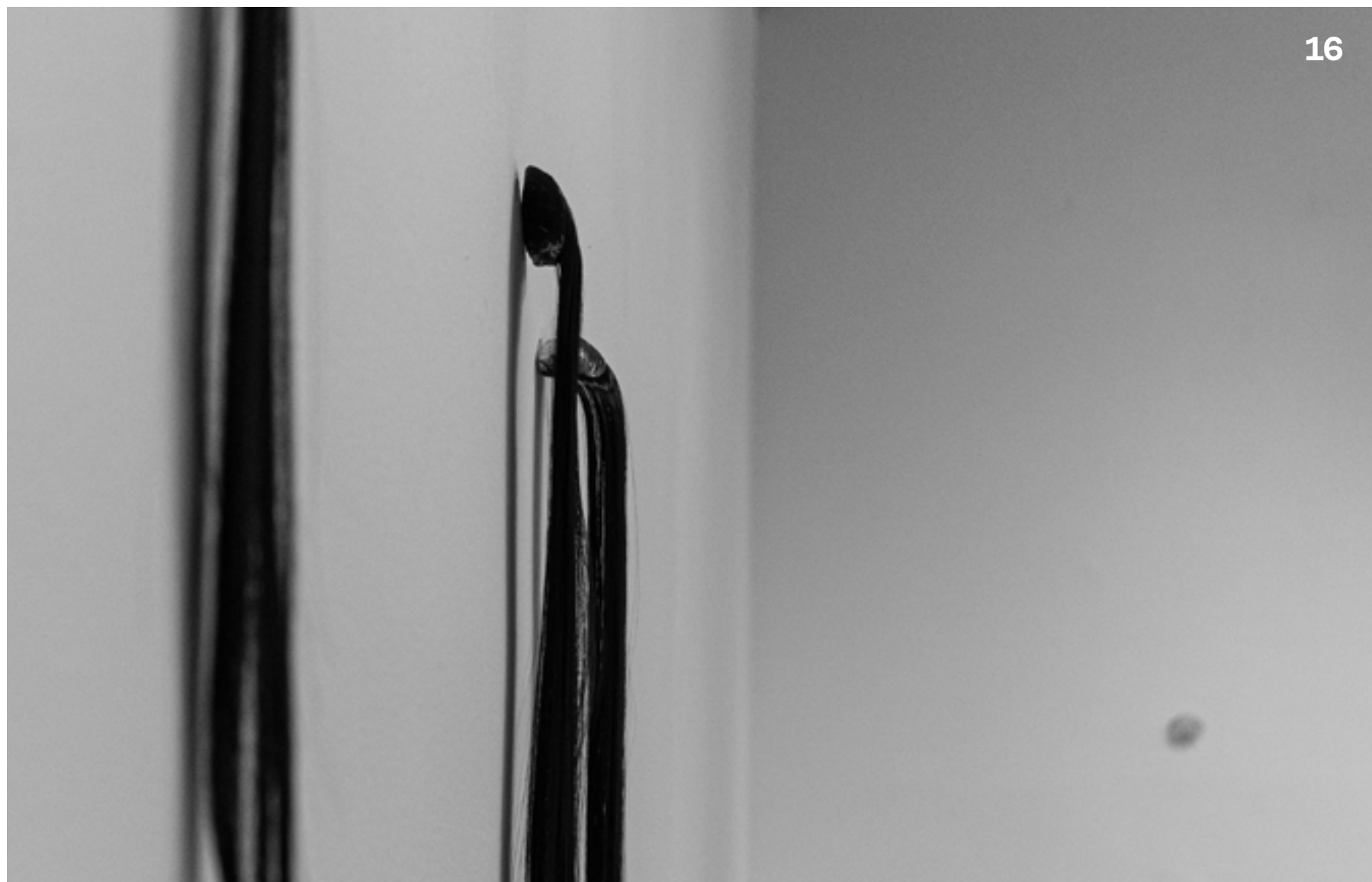
Verificamos o tema da homofobia enquanto uma das maiores falências da civilização também





Como sobreviver a um naufrágio

Márcio Diegues
Centro Cultural UFMG



16. *Ipupiaras*, 2019.

no trabalho intitulado *Naufrágio Inimigo 1943*, em que o artista se apropria de documentos do Arquivo Nacional que notificam o afundamento de um submarino nazista na costa do Rio de Janeiro por um

avião da Aeronáutica brasileira. Identifica-se nas fotografias do arquivo um teor homoerótico: nelas vemos os pilotos brasileiros que, *seminus*, expõem seus ferimentos de batalha, “furos em cascos humanos”, segun-

do Márcio. Ao mesmo tempo que enfatizam a existência dos ideais de virilidade vinculados a um imaginário bélico que desde a Grécia Arcaica constituiu a ainda vigente noção de homem, estas imagens

trazem à tona uma idolatria do corpo masculino viril por parte dos próprios homens: os demais soldados que figuram nas imagens, animados com a vitória, expõem alegremente os corpos de seus colegas

feridos, indicando-os e tocando-os, como troféus de guerra. A admiração mútua pelo corpo masculino - que se faz presente na cultura ocidental desde a antiguidade helênica - indica, na obra, a constante presença da homoafetividade nas forças armadas.

Se quisermos ler o conjunto de trabalhos de *Como sobreviver a um naufrágio* em termos

de instruções de sobrevivência precisamos, portanto, começar por reconhecer e repensar o falimento do nosso projeto de civilização.

Márcio Diegues, em uma pesquisa que combina arquivística e mitologia, encara, pois, o naufrágio tanto no sentido literal, do afundamento de uma embarcação em alto-mar, quanto em sentido metafó-

Marina Câmara
e Daniela Amon

rico, estendendo-o aos mais diversos colapsos e às suas respectivas reações, compreendendo sobretudo que cada naufrágio implica uma luta pela sobrevivência.

Mais do que simbolizar um fracasso absoluto, o naufrágio, como exposto pelo artista, oferece questionamentos sobre como podemos agir frente à perspectiva de uma crise iminente.



17. *Ipupiaras*, 2019.

II.

– *Que fazes para placar um mar em fúria?*

– *Contenho a minha cólera.*

QUINET apud BACHELARD



Como sobreviver a um naufrágio

Tomado isoladamente o elemento água seria pura calma-ria. Imergir ou mergulhar seria entrar nessa dimensão cujo teor onírico é criado sobretudo pela densidade da água que é em torno de mil vezes maior que a densidade do ar.

Gaston Bachelard, em *A água e os sonhos*¹, vai dizer da água como “um modelo de paz e de silêncio”, algo que “vive como um grande silêncio materializado”, ou como “alguma coisa que se cala” e ainda como “um grande ser natural que dorme”.

Partir do princípio de correspondência entre os seres é assumirmo-nos natureza e, logo, em posição de paridade com todos os viventes. Se Bachelard dizia, no início da década de 40, que “se sonha com uma correspondência mágica extremamente recíproca entre o mundo e o homem”, outros autores já percebiam que, na verdade, enxergar o homem a partir dessa perspectiva é uma premissa e não um sonho. Roger Caillois, por exemplo, em seu *O mito e o homem*, de 1938, já falava em uma concepção panteísta da fusão na natureza, e mais recentemente, Emanuele Coccia

conclui seu livro *Metamorfoses*, com a máxima: “cada forma de vida é uma colagem de várias espécies”, indicando que, em última instância, não só não nos distinguimos dos demais elementos viventes, como com eles temos muito mais em comum que diferenças.

A partir dessa noção de correspondência muito se pensou e se escreveu sobre a água violenta como uma metáfora da cólera humana. “A água violenta é um dos primeiros esquemas da cólera universal. Por isso não há epopéia sem uma cena de tempestade”, diz Bachelard. A água violenta, pois, segundo o epistemólogo francês, não apenas reflete, enquanto imaginário, a ira humana, como também torna-se objeto desta.

Contudo, o que mais frequentemente encontramos na literatura é um tipo de princípio de correspondência entre a água e o homem que, no entanto, é uma correspondência em um só sentido e, portanto, falha, já que na maioria dos casos é a água a tomar as feições humanas.

Chega-se a punir – um tanto estupidamente –, a pele do

Márcio Diegues Centro Cultural UFMG



19. *Afrodite*. 2020.

mar com ferro em brasa (!!!) e a proferir-lhe ofensas como “onda amarga” ou “é com razão que ninguém te oferece sacrifícios”, tal qual teria feito Xerxes segundo o livro VII d’As Histórias de Heródoto, ao ter visto uma das pontes que havia mandado construir naufragar em decorrência de uma tempestade. E esta, que é umas

imagens literárias mais antigas envolvendo naufrágio e atribuições humanas ao caráter do mar, sobreviveu – para usar um termo warburgiano – ao longo dos tempos. Em diferentes épocas é possível observar lendas mencionando ordens para que as águas retornem aos seus leitos, em caso de extrapolação dos seus “limi-

tes”, emissão de intimações e sentenças por juízes, além de episódios em que novamente proferem-se às águas ofensas como usurpadoras e devastadoras, além de mais uma vez golpear suas superfícies, tal qual o episódio do Xerxes.

A água violenta, pois, segundo o epistemólogo francês,

março
abril 2023



20. *Objetos naufragados/ encracados*, 2019.

não apenas reflete, enquanto imaginário, a ira humana, como também torna-se objeto desta: testando a coragem humana, põe à prova as mais profundas e primordiais ambições de poder. Ademais, Bachelard encara a noção de mergulho enquanto o único verdadeiro “salto no desconhecido”. Nele, está implicado o drama e o

medo do perigo incógnito que, uma vez superados, enchem o ser humano do sentimento de satisfação da conquista. Tal sensação se potencializa à medida que os desafios se tornam mais difíceis. Sendo assim, Bachelard reconhece na relação entre o homem e a água violenta um caráter masoquista, em que dor e prazer

¹ Faremos recurso ao seu livro *A água e os sonhos*, por ser uma referência quase incontornável em relação ao tema, apesar de guardarmos algumas ressalvas quanto ao teor antropocêntrico das análises do autor. Ainda que em suas análises autor confira um caráter “animista” à água enquanto um elemento “que a tudo anima, que a tudo projeta, que mistura, a propósito de tudo, o desejo e a visão, as impulsões íntimas e as forças naturais” (p.191), Bachelard - que se auto-intitula psicólogo literário - antropomorfiza a água, circunscrevendo a sua imaginação material segundo aquela humana.





Como sobreviver a um naufrágio

Márcio Diegues
Centro Cultural UFMG

março
abril 2023



23. Detalhe da obra *Arrebentação*, 2023.

são proporcionais. Mas o risco calculado ao qual nos expomos ao mergulhar na beira da praia durante um veraneio é muito distinto do drama pela sobrevivência durante uma tempestade marítima: neste último caso,

o ser humano precisa combinar todas as suas forças, instintos e intelecto em um momento de crise absoluta, em que percebe a própria pequenez frente ao poder implacável dos elementos: como afirma o

poeta francês Victor Hugo, em seu incontornável *Os Trabalhadores do Mar*, “o elemento é indomável. Que fazer contra a ubiquidade que não se sujeita!”

A luta contra a força do oceano,

portanto, por mais aterradora que seja, possui um grande apelo: talvez por isso ainda somos atraídos por imagens de tempestades em alto mar e por narrativas de navegação. Não à toa, ao lermos um texto tão antigo quanto a *Odisseia*, de Homero, somos capazes de criar empatia por aqueles personagens, de participar mentalmente (imaginativamente) daquelas cenas, sem o distanciamento frio de uma simples análise de um texto clássico de um tempo e de uma cultura longínquos.

O oceano, a navegação e o naufrágio têm o poder de despertar em nós um sentimento atávico, primordial, porque o mar conserva-se indomável e, por mais que a ciência tente dar conta dele, em muitos aspectos guarda seus mistérios, permanece ininteligível.

Afinal, o alto-mar sempre foi e sempre será perigoso: o naufrágio, tema da exposição, o atesta. Seja na tormenta, seja na calmaria, a vida – ou a sobrevivida – humana é desafiada pelo oceano. De fato, o mar é um ambiente inóspito para nós, seres terrestres, assim como testemunha uma das obras mais importan-

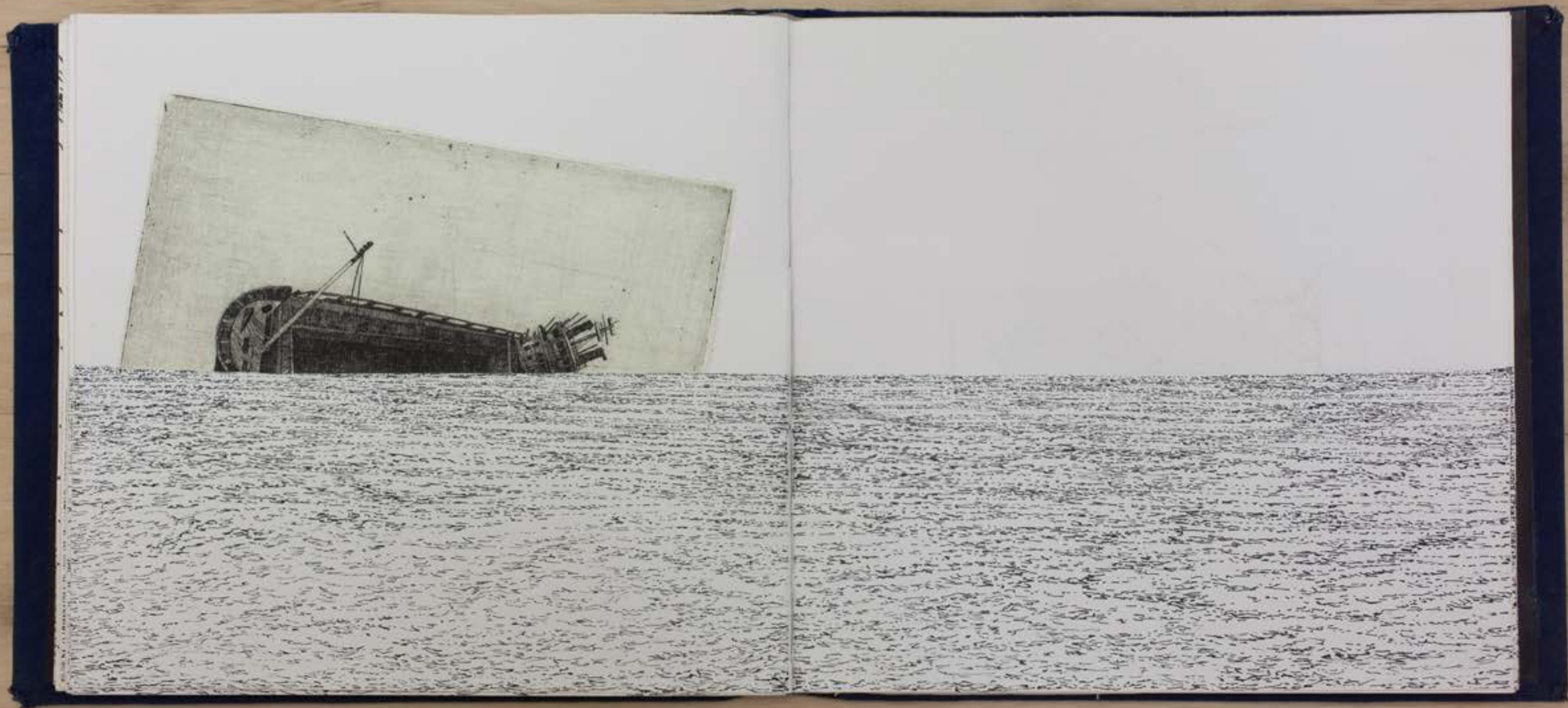
tes do Romantismo francês: *Le Radeau de la Méduse*, de Théodore Géricault.

Em 1816, a fragata *Méduse*, da marinha francesa, naufraga próximo ao litoral do Senegal. Os passageiros civis e funcionários públicos se salvam em botes, e uma jangada é construída às pressas para transportar os demais tripulantes: soldados e trabalhadores de “baixo escalão”. Por algum motivo, a tripulação dos botes corta as amarras que seguravam a jangada, deixando esta à deriva no mar. Doze dias mais tarde, a jangada foi resgatada por um navio passageiro, mas a cena com que os membros da tripulação deste último se depararam era de total devastação: dentre os 150 passageiros da jangada da *Méduse*, apenas 15, também estes já moribundos, sobreviveram. Os demais haviam caído no mar ou sido devorados pelos sobreviventes.

A pintura de Géricault, utilizando cadáveres e doentes como referência, capta o drama da deriva: momento no qual o oceano torna-se deserto. A sobrevivência na deriva exige uma outra forma de resis-



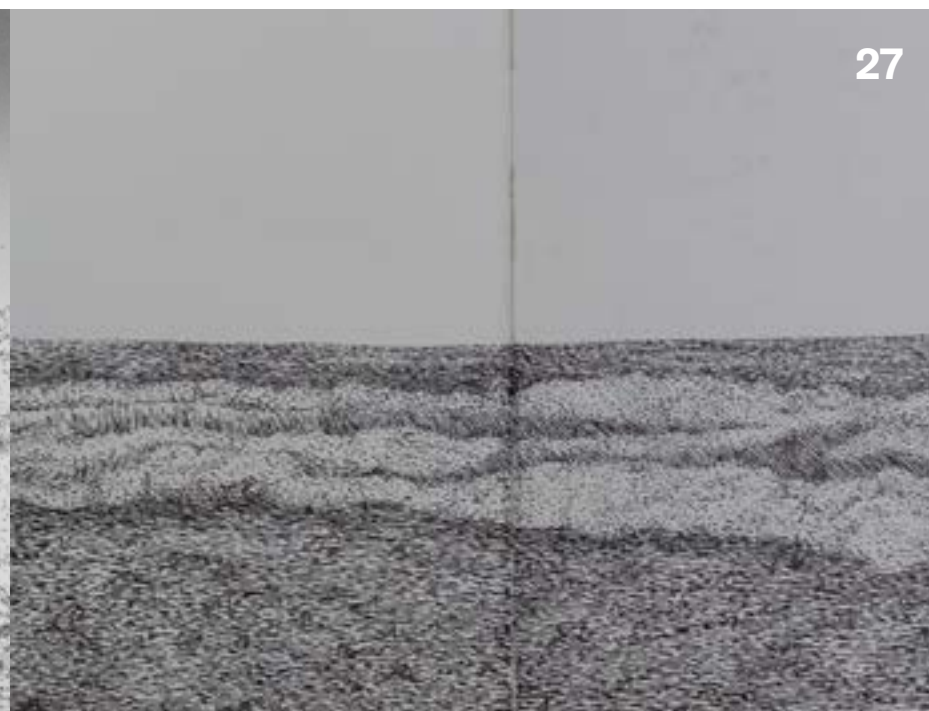
24. *A história é um naufrágio*, 2019.



**Como sobreviver
a um naufrágio**

**Márcio Diegues
Centro Cultural UFMG**

**março
abril 2023**



tência, se comparada àquela em caso de afundamento.

Com efeito, estar “à deriva” é definido, na língua portuguesa, enquanto estar: “ao sabor das ondas, ao sabor da corrente; sem rumo ou governo; à mercê das circunstâncias e incapaz de reação”.

De fato, a deriva no oceano é uma situação de mercê absoluta à natureza, quando o vento (ou a falta dele), o mar, o sol e

| **26. Detalhe do desenho instalativo *Arrebentação*, 2023.**

a chuva (ou a falta dela) possuem consequências diretas na possibilidade de subsistência da vida humana. É o naufrágio em tempo dilatado: diferentemente do afundamento, a deriva não exige uma reação imediata ao evento, não exige um impulso simultâneo ao estopim da crise, mas uma dimensão projetista. O naufrágio à deriva em alto mar precisa calcular cuidadosamente as quantidades de alimento e água que ingere, consciente do fato de que estes, quase inevitavelmente, lhe faltarão em um futuro

| **27. Detalhe da obra *CADERNO DO MAR*, 2017 - 2018.**

próximo. O naufrágio em situação de deriva tem a consciência da fragilidade da vida humana diante do tempo com condição de sobrevivência.

Efetivamente, a expressão *tempus fugit* torna-se ainda mais dramática ao naufrágio perdido no oceano: ele vê o próprio tempo, o tempo da própria vida, voar, e, assim, materializar-se no próprio corpo através de um processo acelerado de degradação. Este processo é naturalmente mais rápido para alguns do que para outros: sendo assim, os



Como sobreviver a um naufrágio

corpos daqueles que, fragilizados, morrem primeiro servem de alimento aos que tentam sobreviver por ainda mais alguns dias, sendo o canibalismo em alto-mar uma tentativa dramática de sobrevivência.

Diferentemente do caso dos povos que conferem à antropofagia um caráter ritualístico de incorporação das qualidades do inimigo (sendo indicativa, portanto, do respeito pelo adversário), ou, no caso dos Astecas, de atribuição simbólica à figura do sacerdote/imolador a figura paterna e à do sacrificado a figura do filho, como afirma o historiador Serge Gruzinski, (como não pensar em Abraão prestes a sacrificar Isaac ou do Deus cristão que entrega Jesus ao sacrifício na cruz?), o canibalismo dos naufragos à deriva possui o único fim de subsistência. Consiste, pois, em uma tentativa desesperada de ganhar tempo/ de lutar contra o tempo: alimentar-se do corpo do outro, sabendo que no dia seguinte o seu próprio corpo pode servir de alimento ao restante da tripulação.

Isto porque a deriva transforma o mar em deserto: não apenas

Márcio Diegues Centro Cultural UFMG



março
abril 2023

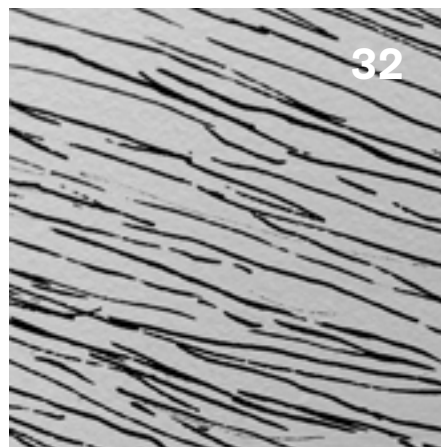
encontramos na extensão aparentemente sem fim do oceano similitudes com a morfologia do deserto (as ondas lembram a ondulação das dunas do deserto), como o próprio oceano pode tornar-se inóspito e árido a nós, criaturas terrestres. Não é rara, pois, a morte de sede no mar: a amarga ironia de morrer de sede estando em meio a um deserto de água. Afinal, como afirma Bachelard,

O ser votado à água é um ser em vertigem. Morre a cada minuto, alguma coisa de sua substância desmorona constantemente. A morte cotidiana não é a morte exuberante do fogo que perfura o céu com suas flechas; a morte cotidiana é a morte da água. A água corre sempre, a água cai sempre, acaba sempre em sua morte horizontal. Em numerosos exemplos veremos que para a imaginação materializante a morte da água é mais sonhadora que a morte da terra: o sofrimento da água é infinito.





Como sobreviver a um naufrágio



32

cosmogonias que se conservaram, o poema intitulado Enuma elish, que data provavelmente do século XII a.C., para verificar como, de acordo com as cosmogonias babilônicas e suas herdeiras, as tradições grega e hebraica, a água é um elemento ambivalente: fonte de vida da qual dependem, por um lado, e força indomável, por outro.

Representando o caos primordial que deve ser organizado – como em grande parte das cosmogonias –, esse elemento cujos limites nos escapam deveria, no poema, ser contido por Apsû e Tiamat – “a água doce, subterrânea, donde procedem fontes e rios” e “a água salgada do mar”, respectivamente, de quem brotaram os primeiros deuses.

Tiamat é encontrada em sinetes cilíndricos – matrizes de impressão por rolagem – como uma espécie de réptil marinho, uma serpente dotada de chifre. Diz o professor: “Tiamat como aquilo que antecede o próprio aparecimento das formas, as quais requerem o surgimento de limites [...] referida no poema como um kûbu, isto é, um “feto”, um “aborto”, parecendo ter a forma de um réptil marinho, já

Márcio Diegues Centro Cultural UFMG



33

33. Detalhe da obra *Atlântida (fragmento arruinado)*, 2019.

que se faz também referência a sua cauda.” A água salgada representada por Tiamat remete, muitas vezes, a situações de dificuldade. Após ter sido partida ao meio, da metade dessa serpente que foi destinada a representar o céu, descem os dilúvios, por exemplo.

Segundo Jacyntho Brandão, as consequências de tratar a água como elemento primor-

dial que antecede a organização humana (o que melhor para representar visualmente algo sem limites e forma que a água? se pergunta o professor) foram tão consideráveis a ponto de terem fundamental importância para a formação do imaginário ocidental: “A terra era vazia e vaga”, como aparece na Bíblia hebraica, seria uma referência ao caráter disforme de Tiamat

e “Filon de Alexandria, na esteira do platonismo, resolve a dificuldade apelando para o “mundo inteligível” que Deus primeiramente fez, como um arquiteto que, antes de construir uma cidade, a concebe em seu espírito”. O mar, conclui Brandão, no imaginário ocidental, constitui um incômodo por ser inapropriável e escapar aos ímpetos e desejos humanos

de mensuração, classificação, repartição, nomeação.

O dilúvio enquanto fim e recomeço da humanidade aparece outrossim na cosmogonia Asteca.

Segundo esta tradição, houveram, ao longo da história, 5 sóis (eras), cujos ciclos se concluíram sucessivamente através de 4 apocalipses: Tigres (ocelo-

tes), Vento, Chuva (de bolas de fogo) e, por fim, Água, segundo narrativa oral citada pelo historiador Serge Gruzinski:

Este Sol se chama 4-Água; durante 52 anos a água durou. E aqueles que viveram sob este quarto Sol, eles existiram no tempo do Sol 4-Água, que durou 676 anos. Então eles morreram: eles foram engolidos pela

III.

Quando, acima, o céu não tinha nome, embaixo, a terra por nome não fora chamada, Apsû, o primeiro, foi genitor deles, Mummu Tiamat foi quem os gerou todos.

Suas águas eles por inteiro misturavam:prado não havia, brejo não enxerga,quando dos deuses nenhum ainda existia, e ninguém nome tinha nem fados fixados.

Poema Enuma elish, século XII a.C, tradução Jacyntho Brandão

No artigo No princípio era a água, o professor e tradutor Jacyntho Brandão parte daquela que é das mais antigas

março
abril 2023





Como sobreviver a um naufrágio

água e transformaram-se em peixes. Os céus colapsaram sobre eles e em um único dia eles morreram. [...] Eles morreram, todas as montanhas morreram. A água durou 52 anos e assim terminaram os seus anos.

Tal dilúvio é emblemático não apenas porque compartilha elementos com as narrativas do Oriente Próximo, mas também porque seria o apocalipse que teria originado a nossa era atual, a do 4-Movimento. Ademais, marca um período sombrio da história asteca:

situado, no calendário ocidental, no século XVI EC, coincide com a invasão do México pelos espanhóis (que, em um primeiro momento, foram interpretados como a volta do deus Quetzalcoatl, aserpente plumada), o que resultou não apenas no massacre (tanto por armas, quanto por doenças) e na escravização do povo asteca, como também no processo inquisitório de perseguição das religiões autóctones e de cristianização forçada destes povos. O dilúvio, portanto, para os astecas, marca não apenas o declínio

Márcio Diegues Centro Cultural UFMG

de seu Império, mas também a crise de seu mundo.

Voltando aos povos do Mediterrâneo, como pensar o imaginário do mar sem lembrar de um dos episódios mais emblemáticos da cosmogonia grega, o nascimento de Afrodite? Em sua

Teogonia, Hesíodo descreve o nascimento de Afrodite, deusa do amor, enquanto um ato de violência: Urano, o Céu, estuprava continuamente Gaia, a Terra, que era forçada a gerar os filhos de seu es-

| 37. *Equivalência*, 2018.



37



36

tuprador. Um dia, vingando o sofrimento da mãe, o titã Kronos (Tempo), castra o pai. Do sêmen de Urano misturado ao oceano, nasce Afrodite:

| 36. *Afrodite*, 2020.

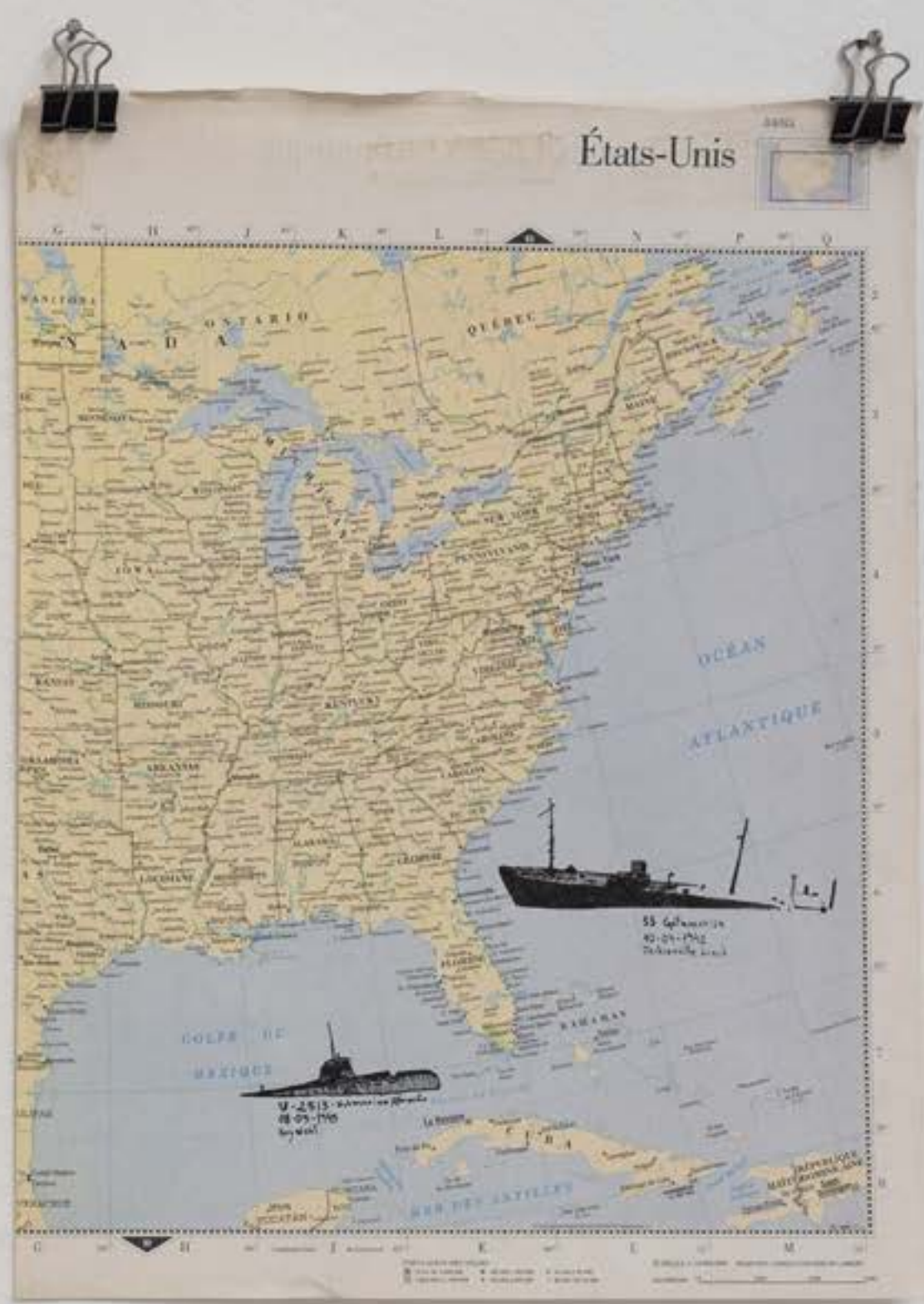
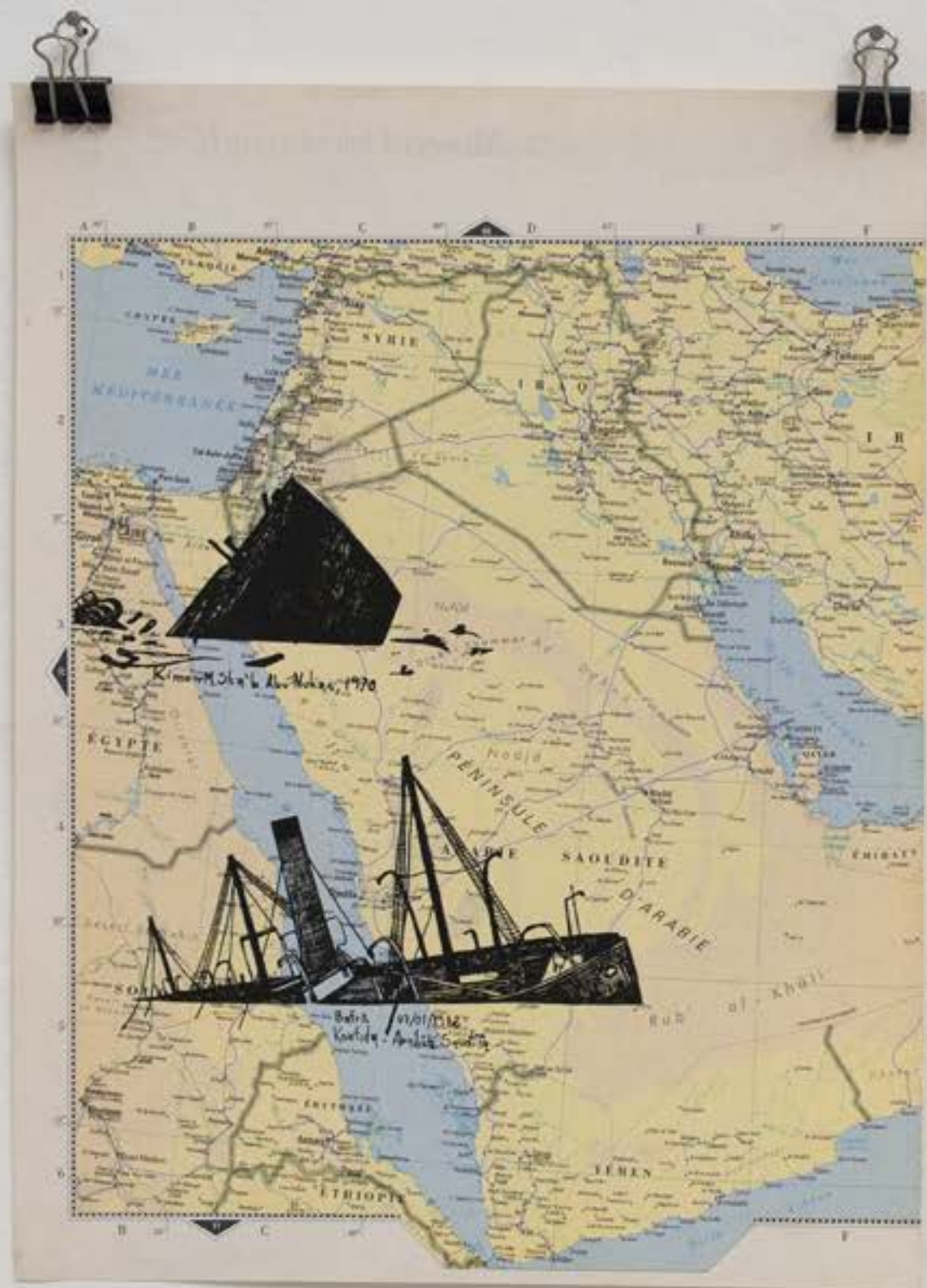
O pênis, tão logo cortando-o com o aço atirou do continente no undoso mar, aí muito boiou na planície, ao redor branca espuma da imortal carne ejaculava-se, dela uma virgem criou-se. Primeiro Citera divina atingiu, depois foi à

circunfluída Chipre e saiu veneranda bela Deusa, ao redor relva crescia sob esbeltos pés. A ela. Afrodite Deusa nascida de espuma e bem-coroadada Citeréia apelidam homens e Deuses, porque da espuma

criou-se e Citeréia porque tocou Citera, Cípria porque nasceu na undosa Chipre, e Amor-do-pênis porque saiu do pênis à luz. Eros acompanhou-a, Desejo seguiu-a belo, tão logo nasceu e foi para a grei dos Deuses. Esta

março
abril 2023





Como sobreviver a um naufrágio



honra tem dê o começo e na partilha coube-lhe entre homens e Deuses imortais as conversas de moças, os sorrisos, os enganos, o doce gozo, o amor e a meiguice. O pai com o apelido de Titãs apelidou-os: o grande Céu vituperando filhos que gerou dizia terem feito, na altiva estultícia, grã obra de que castigo teriam no porvir.

O nascimento de Afrodite, portanto, é um ato traumático, de violência (o estupro de Gaia, a castração de Urano) que resulta, em contrapartida, no Amor. Ghenos, Eros e Thanatos se encontram, pois, entrelaçados em uma narrativa que tem o oceano enquanto território de origem. Mais uma vez, verificamos, pois, no imaginário antigo a identificação do Mar, este caldo primordial, e a gênese, e, porque não, o fim: no caso, o declínio da

Márcio Diegues Centro Cultural UFMG

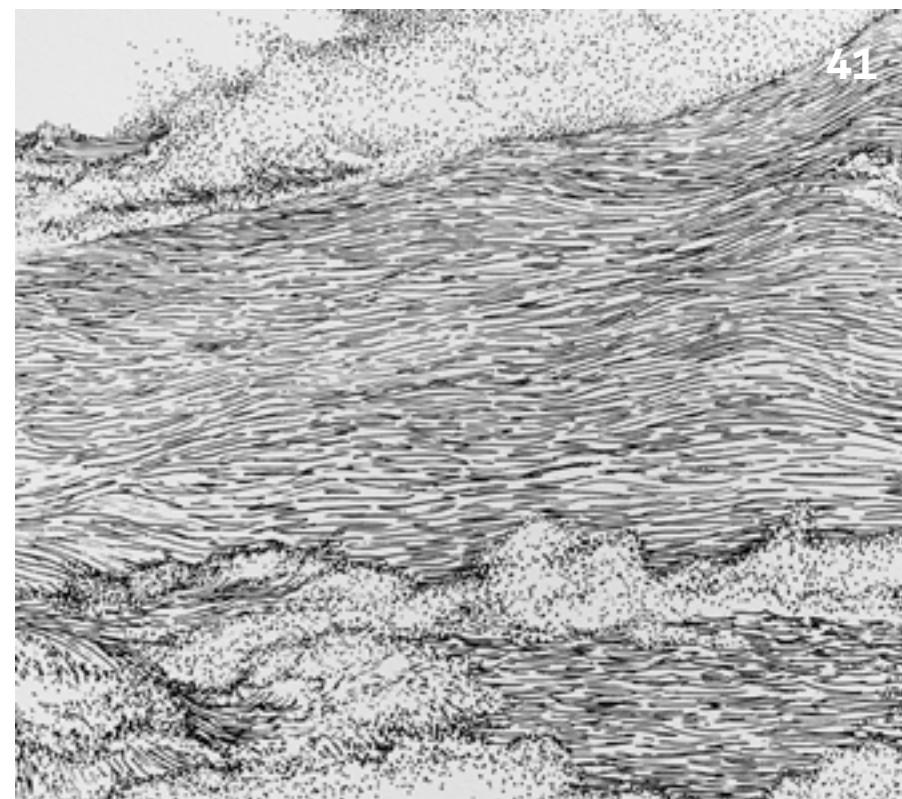
tiranía de Urano\ sobre a Terra. A água, portanto, é encarada como elemento de recomeço, como vemos, também, na narrativa do Dilúvio bíblico e, em certa medida, também no Êxodo (em hebraico, תּוֹמָשׁ).

Livro que narra a escravidão do povo hebreu no Egito e a sua posterior libertação e périplo pelo Sinai até Canaã – uma verdadeira odisseia coletiva pelo deserto –, em um período que podemos situar entre 1500 e 1200 AEC, o Êxodo é uma das narrativas principais da tradição judaica. Repleta de acontecimentos fantásticos ou, a depender da crença, milagrosos, frutos do pensamento mítico, a história de Moisés tem a água como um protagonista constante.

Moisés, quando recém-nascido, foi salvo do massacre de meninos hebreus porque sua irmã, Miriam, o colocou em um cesto e o abandonou à deriva no Rio Nilo. Miraculosamente – a chance de um bebê sobreviver sozinho em um rio caudaloso e cheio de crocodilos, como o Nilo, é mínima –, o cesto foi encontrado pela filha do faraó, que adotou a criança. Anos mais tarde, depois de já

ter tomado conhecimento da própria identidade e de assumir para si, enquanto intermediário de Deus, a difícil missão de libertar o povo hebreu da escravidão, Moisés, em audiência com o faraó Ramsés, ordena “deixe meu povo ir”. Tendo o faraó ignorado tal súplica, cai sobre o Egito a primeira praga divina: as águas dos rios transformam-se em sangue. A cada nova praga, Moisés dirigia-se novamente a Ramsés e lhe suplicava “deixe meu povo ir”, e a cada vez, o faraó negava, até que cai sobre o Egito o décimo e mais implacável castigo: a morte dos primogênitos. Ramsés, então, tendo perdido o próprio filho, ordena que os hebreus partam imediatamente. Chegando às margens do Mar Vermelho, os hebreus ficam encurralados: não possuem embarcações para atravessá-lo. Moisés, então, brande seu cajado e o mar se abre, permitindo a passagem dos israelitas.

Entretanto, quando estes estavam terminando de atravessar o canal, o faraó muda de ideia e envia suas tropas para matá-los. O mar, então, se fecha sobre os soldados, salvando o povo hebreu do genocídio iminente.



IV.

Segundo o dicionário, “o naufrágio é a perda total de uma nave ou de uma embarcação por causas acidentais às quais pode seguir, mesmo se não necessariamente, a sua completa submersão. Portanto, falar em naufrágio pode sugerir falar, a princípio, em perda: em sentido literal – a perda do navio ou a perda da vida – ou no sentido dado pelo pensador francês Georges Bataille

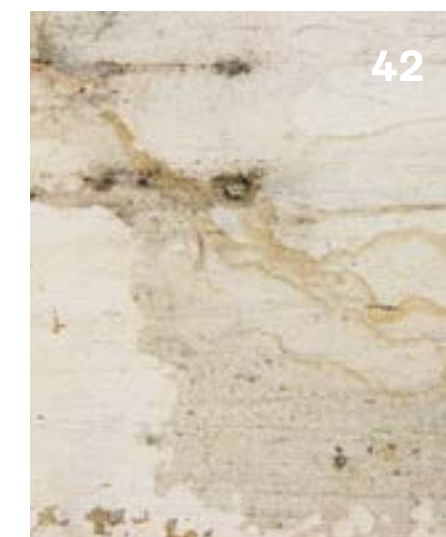
através da noção de perda dispendiosa. De fato, para Bataille, todas as atividades humanas implicam, de certa forma e em certo grau, uma perda: se inicialmente pode-se pensar que a perda decorre apenas das atividades tidas como intrinsecamente improdutivas (segundo Bataille, o sexo sem fins reprodutivos, a guerra e a arte), ela se dá também nas atividades voltadas

março
abril 2023

40. *Objeto-is-ca Coroa*, 2019.

41. Detalhe do desenho instalativo *Arrebentação*, 2023.

42. Detalhe da obra *Desenho úmido*, 2022.











Como sobreviver a um naufrágio

à subsistência, uma vez que a destruição é inerente a todos os processos da natureza, sendo, portanto, inevitável (pensemos, por exemplo, à noção físico-química da entropia). Como afirma o próprio Bataille:

a determinação geral da energia que percorre o domínio da vida é alterada pela atividade do homem? Ou esta, ao contrário, não é falseada, na intenção que se propõe, por uma determinação que ela ignora, negligencia e não pode mudar? [...] Um excedente deve ser dissipado por meio de operações deficitárias: a dissipação final não poderia deixar de realizar o movimento que anima a energia terrestre. [...] Na superfície do globo, para a matéria viva em geral, a energia está sempre em excesso, a questão está sempre colocada em termos de luxo, a escolha está limitada ao modo de dilapidação das riquezas. [...] esta [a energia que anima o movimento global] não pode acumular-se sem limitação nas forças produtivas; enfim, como um rio

no mar, ela deve escapar-nos e perder-se de nós.

Não à toa, Bataille não se absterá de atentar, em seus *Documents*, para a imagem do dilúvio e sobretudo aquela do afogado que lutara inutilmente para não afundar, tal como representado no *Apo-calipse de Saint-Sever*:

É preciso observar aqui que, especialmente na grande figura deitada e afogada, um sentimento de horror decisivo é expresso através de deformações arbitrárias, mas que um sentimento jovial inesperado aparece com a cabra que figura na base da página e mesmo com o corvo, cujo bico está mergulhado na carne de uma cabeça humana. Essa inconsequência é aqui o sinal da extrema desordem das reações humanas livres.

Não se trata, de fato, de um contraste calculado, mas de uma expressão imediata das metamorfoses ininteligíveis – e por isso mesmo muito mais significativas – que são o resultado de certas inclinações fatais.

Márcio Diegues Centro Cultural UFMG



47. Desenho úmido, 2022.

Portanto, podemos identificar na visão de Bataille que o contraste marcante entre a imagem abominável do ser humano afogado e a graça sinistra dos animais que figuram no mesmo fólio de *Saint-Sever* causaria um efeito desconcertante que colocaria em evidência o

caráter arbitrário e a inutilidade da reação humana frente à catástrofe iminente – no caso, o afogamento. Entretanto, apropriamo-nos do pensamento de um outro autor para levantarmos uma questão ulterior: se reconhecemos a inevitabilidade da própria ruína, isto quer dizer,

no entanto, que devemos nos manter inertes frente a ela?

De fato, se em seu *Ciclo do Absurdo* Albert Camus discorre sobre o caráter absurdo inerente à condição humana, ele não deixa de questionar: se a vida não tem sentido, e

se disso somos conscientes, o que nos impede de cometer suicídio? Por que continuamos vivendo e acreditando que a vida vale a pena ser vivida? Em seu livro *O Mito de Sísifo*, ele introduz a discussão da seguinte maneira:

Há apenas um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar que a vida vale a pena ou não ser vivida é responder à questão fundamental da filosofia. [...] eu vejo que muitas pessoas morrem porque elas estimam que a vida não vale a pena ser vivida. Eu vejo outras que, paradoxalmente, são assassinadas pelas ideias ou as ilusões que lhes dão uma razão de viver (isto que chamamos uma razão de viver é, ao mesmo tempo, uma excelente razão de morrer). Julgo, portanto, que o sentido da vida é a mais urgente das questões. Como respondê-la?

O pensamento de Camus reconhece, pois, o caráter desconcertante e definitivo da vida, sem, entretanto, defender que abdicuemos dela: como mostra-se evidente em sua

março
abril 2023

obra-prima *A Peste*, em seu ciclo *A Revolta*, Camus defende uma reação – uma revolta – do ser humano em relação à condição humana, ímpeto este que se daria, sobretudo, no plano coletivo: uma revolta que não é individual porque diz respeito a todos nós.

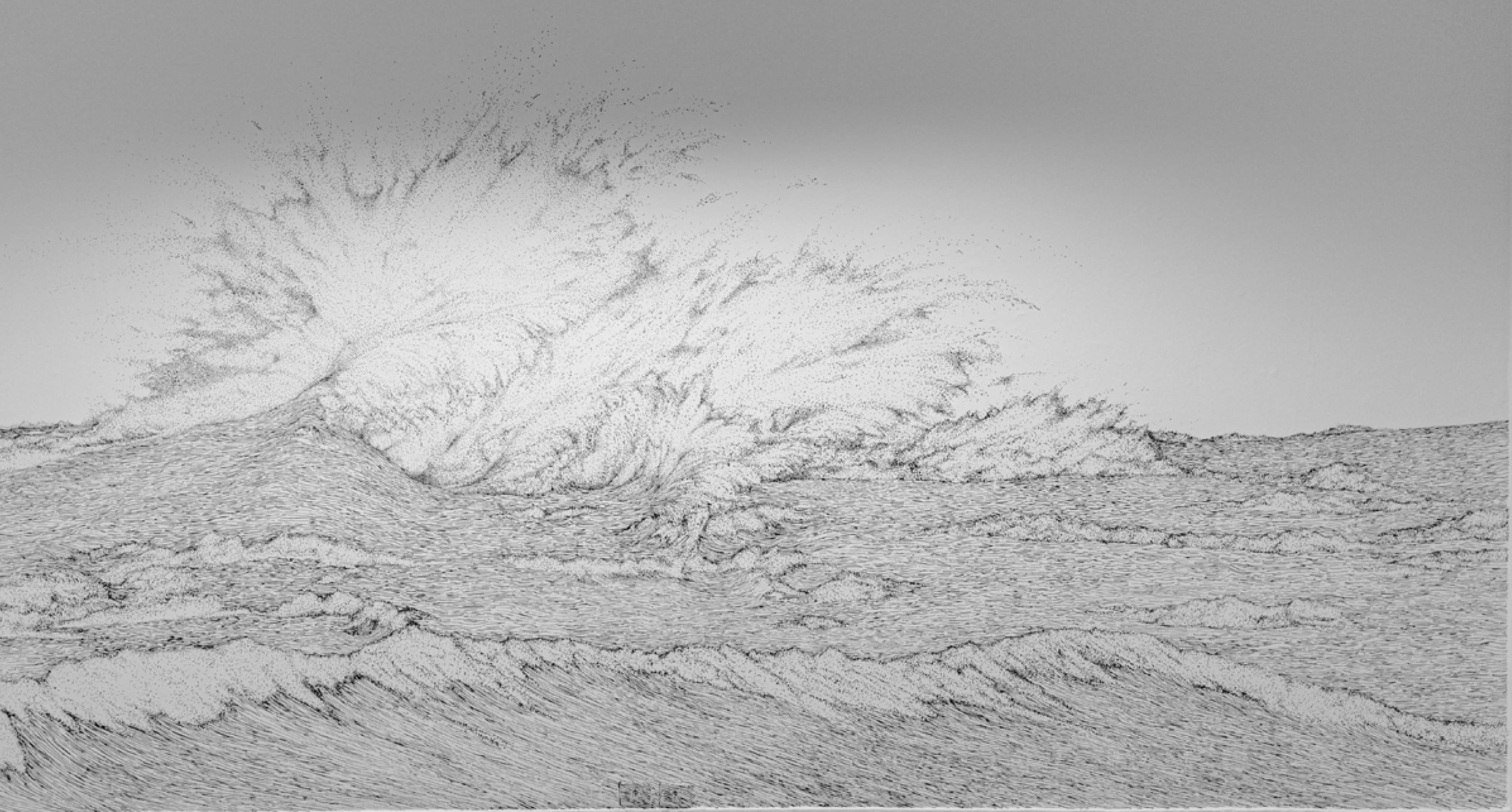
Interrogar o naufrágio, portanto, é também colocar-se uma questão mais ampla: a do sentido da vida. Afinal, que figura expressa melhor o desejo ardente de continuar vivendo do que a do naufrágio em alto mar lutando até o derradeiro segundo pela própria sobrevivência? O naufrágio não é a catástrofe em si, mas sim o momento limiar em que todos os sentidos devem estar a postos em sua máxima “performance” (leia-se performance como o sensível e o inteligível em seu modo menos divisível). O naufrágio não é ainda a ruína e sim sua possibilidade e probabilidade máxima, a qual todos os nossos esforços serão postos em moto para evitar a morte.

Talvez seja nesse sentido que Márcio Diegues tenha escrito que **“todo naufrágio é uma lição de sobrevivência.”**

MARINA CÂMARA E DANIELA ANOM









Como sobreviver a um naufrágio

Márcio Diegues
Centro Cultural UFMG

março
abril 2023



52

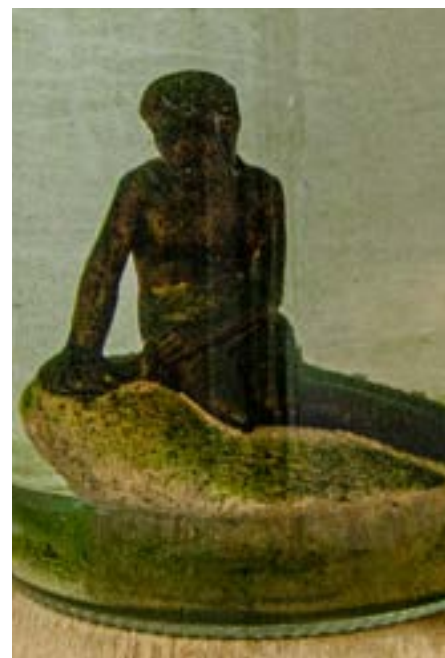


REFERENCIAS

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos. ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

BATAILLE, Georges. *Documents. doctrines, archéologie, beaux-arts, ethnographie*. Florianópolis: Cultura & Barbárie, 2018.

Bíblia Hebraica (Torah). São Paulo: Séfer, 2006.



51. *Atlântida (fragmento arruinado)*, 2019.



BRANDÃO, J. L. *No princípio era a água*. Revista da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 22-41, 2016. DOI: 10.35699/2316-770X.2013.2689.

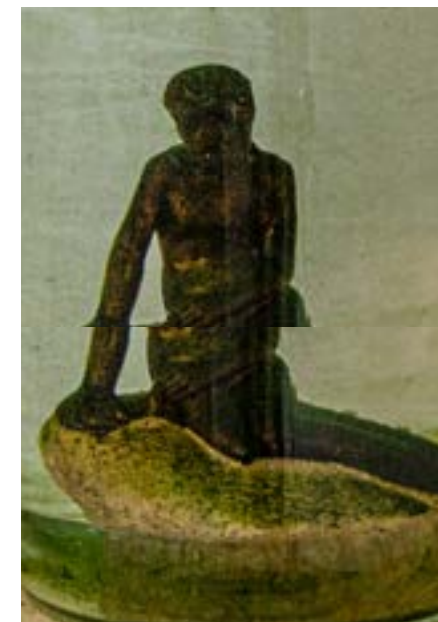
Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/2689>. Acesso em: 4 abril. 2023.



CAILLOIS, Roger. *O mito e o homem*. São Paulo: 70, 2020.

CÂMARA, Marina. *Giuseppe Penone. da história à pele do mundo (tese)*. Belo Horizonte: UFMG, 2016.

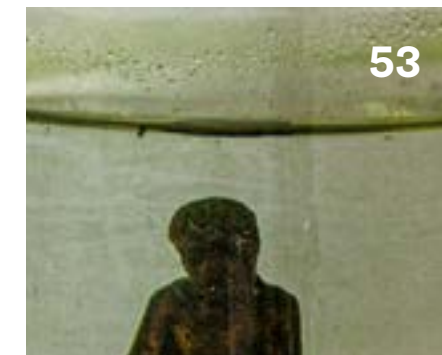
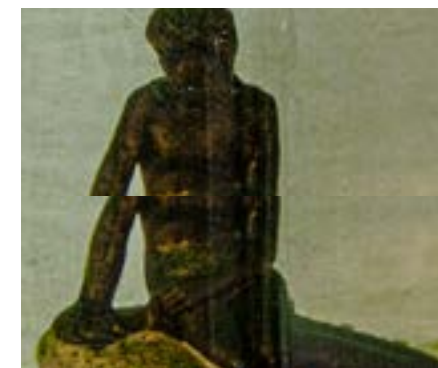
CAMUS, Albert. *Le mythe de Sisyphe*. Chicoutimi: Cégep Université du Québec à Chicoutimi.



COCCIA, Emanuele. *Metamorfoses*. Rio de Janeiro: Dantes, 2020.

GRUZINSKI, Serge. *Le destin brisé de l'Empire Aztèque*. Paris: Gallimard, 1988.

HESÍODO. *Teogonia. A origem dos deuses*. São Paulo: Iluminuras, 1995.



53

HUGO, Victor. *Os trabalhadores do mar*. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

VERNANT, Jean-Pierre. *O universo, os deuses e os homens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.





Titulagem (segundo ordem de aparição)

01 - Náufrago, 2019. Cópia de gravura colada sobre fotografia achada, 49 X 60cm.

02 - Hemisfério, 2022. Bússola empoeirada e polimento manual, 8cmx1,5cm.

03 - Detalhe da obra *Mesa-tanque 1*, caixa de vidro, cavaletes de metal, âncora de embarcação e água salgada, dimensões variáveis.

04 - Caderno do Mar, 2016-2018. Nanquim, cópias de gravura em metal e colagem sobre papel, 25 x 50 cm / páginas panorâmicas de 25 x 100 cm.

05- Caderno do Mar, 2016-2018. Nanquim, cópias de gravura em metal e colagem sobre papel, 25 x 50 cm / páginas panorâmicas de 25 x 100 cm.

06- Caderno do Mar, 2016-2018. Nanquim, cópias de gravura em metal e colagem sobre papel, 25 x 50 cm / páginas panorâmicas de 25 x 100 cm.

07 Ipupiaras, 2019. Concha, cabelo, massa plástica e fita de cetim, dimensões variáveis.

08 - Objeto-isca Coroa - Broche de cabe-

lo com pérolas e anzóis. 3 x 5 x 7 cm. 2019.

09 - Objetos-isca Colar, 2019. Colar de pérolas e anzóis, 2,5x30cm

10 Caderno do Mar, 2016-2018. Nanquim, cópias de gravura em metal e colagem sobre papel, 25 x 50 cm / páginas panorâmicas de 25 x 100 cm.

11- A história é um naufrágio, 2019. Enciclopédia, miniatura de navio, cunha de madeira.

talhe da obra *Mesa-tanque 2*, caixa de vidro, cavaletes de metal, matriz de gravura e água salgada, dimensões variáveis.

13- Objetos naufragados/ encracados, 2019. Utensílios cotidianos encrustados manualmente com conchas, algas e corais, dimensões variadas.

14 - Caderno do Mar, 2016-2018. Nanquim, cópias de gravura em metal e colagem sobre papel, 25 x 50 cm / páginas panorâmicas de 25 x 100 cm.

15 - Detalhe da obra *Atlântida (fragmento arruinado)*, 2019. Balaústre de cimen-

Como sobreviver a um naufrágio

to, massa plástica, conchas de moluscos, corais e algas, 15 x 60 x 67 cm.

16 - Ipupiaras, 2019. Concha, cabelo, massa plástica e fita de cetim, dimensões variáveis.

17 - Ipupiaras, 2019. Concha, cabelo, massa plástica e fita de cetim, dimensões variáveis.

18 - Vista parcial da exposição.

19- Afrodite. Concha e quartzo rosa polido,, 3 X 4 X 6cm, 2020

20- Objetos naufragados/ encracados, 2019. Utensílios cotidianos encrustados manualmente com conchas, algas e corais, dimensões variadas.

21 Detalhe da obra *Mesa-tanque 2*, caixa de vidro, cavaletes de metal, matriz de gravura e água salgada, dimensões variáveis.

22 - Vista parcial da exposição.

23 - Detalhe do desenho instalativo *arrebentação*, caneta permanente sobre parede, 3,3x6,3 metros. 2023.

24 - Detalhe da obra *A história é um naufrágio*, 2019. Enciclopédia, miniatura de

Márcio Diegues Centro Cultural UFMG Março-abril 2023

navio, cunha de madeira.

25 - Caderno do Mar, 2017 - 2018. Nanquim sobre papel, cópia de gravura em metal e colagem, 25 x 50cm / páginas panorâmicas de 25 x 100 cm.

26- Detalhe do desenho instalativo *arrebentação*, caneta permanente sobre parede, 3,3x6,3 metros. 2023.

27 - Detalhe da obra - *Caderno do Mar*, 2017 - 2018. Nanquim sobre papel, cópia de gravura em metal e colagem, 25 x 50cm / páginas panorâmicas de 25 x 100 cm.

28 - Mapeando Naufrágios, 2020. Desenho à nanquim sobre páginas de Atlas geográfico a partir de mapeamentos de naufrágios históricos, 23,5x32cm.

29 - A história é um naufrágio, 2019. Enciclopédia, miniatura de navio, cunha de madeira.

30 - Armadilha, 2020. Pote de vidro, imagem de seireia e água, 8 X 8 X 12cm.

31 - Caderno do Mar, 2017 - 2018. Nanquim sobre papel, cópia de gravura em metal e colagem, 25 x 50cm / páginas panorâmicas de 25 x 100 cm.+

Titulagem (segundo ordem de aparição)

32 - Detalhe do desenho instalativo *arrebentação*, caneta permanente sobre parede, 3,3x6,3 metros. 2023.

33 Detalhe da obra *Atlântida (fragmento arruinado)*, 2019. Balaústre de cimento, massa plástica, conchas de moluscos, corais e algas, 15 x 60 x 67 cm.

34 - *Funis*, 2019-2022. Cópias de gravuras do mar enroladas sobre bocais de garrafas de vidro, dimensões variadas

35 - Vista parcial da exposição.

36 - Afrodite. Concha e quartzo rosa polido,, 3 X 4 X 6cm, 2020

37 - Equivalência. P.A. Búril, 3,5x7,5cm, 2018.

38/55 - *Naufração inimigo*, 1943. (detalhe)), 2019. Monotípia sobre fotografia impressa, imagens apropriadas do Arquivo Nacional a partir de dados de submarinos inimigos abatidos em águas brasileiras durante a 2ª Guerra Mundial. 60x85,7cm (cada impressão). As fotografias apresentadas fazem parte de uma reportagem sobre o afundamento do submarino

alemão U-199, localizado à 87 quilômetros ao Sul do Pão de Açúcar, em 31 de julho de 1943.

39 - *Mapeando Naufrágios*, 2020. Desenho à nanquim sobre páginas de Atlas geográfico a partir de mapeamentos de naufrágios históricos, 23,5x32cm.

40 - *Objeto-isca Coroa* - Broche de cabelo com pérolas e anzóis. 3 x 5 x 7 cm. 2019.

41 - Detalhe do desenho instalativo *arrebentação*, caneta permanente sobre parede, 3,3x6,3 metros. 2023.

42 - Detalhe da obra *Desenho úmido*, 2022. Água e tempo sobre madeira, 20 x 30cm.

43 - *Objeto-isca Coroa* - Broche de cabelo com pérolas e anzóis. 3 x 5 x 7 cm. 2019.

44 - *Objetos-isca Colar*, 2019. Colar de pérolas e anzóis, 2,5x30cm

45 - *Objetos naufragados/ encracados*, 2019. Utensílios cotidianos encrustados manualmente com conchas, algas e corais, dimensões variadas.

46 - *Ipupiaras*, 2019. Concha,

cabelo, massa plástica e fita de cetim, dimensões variáveis.

47 - *Desenho úmido*, 2022. Água e tempo sobre madeira, 20 x 30cm.

48 - Vista parcial da exposição.

49 - *Mapeando Naufrágios*, 2020. Desenho à nanquim sobre páginas de Atlas geográfico a partir de mapeamentos de naufrágios históricos, 23,5x32cm.

50 - Detalhe do desenho instalativo *arrebentação*, caneta permanente sobre parede, 3,3x6,3 metros. 2023.

51 - Registro da performance *Isca*, com Moisés Borges, 2023.

52 - *Atlântida (fragmento arruinado)*, 2019. Balaústre de cimento, massa plástica, conchas de moluscos, corais e algas, 15 x 60 x 67 cm.

53 - *Armadilha*, 2020. Pote de vidro, imagem de seireia e água, 8 X 8 X 12cm.

54 - *Hemisfério*, 2022. Bússola empoeirada e polimento manual, 8cmx1,5cm.

56- *Abismo I e II* - Lavi e água forte, 15 x 20 cm, 2018.

Como sobreviver a um naufrágio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Diegues, Márcio

Como sobreviver a um naufrágio [livro eletrônico] / exposição individual Márcio Diegues ; textos críticos Marina Câmara, Daniela Amon. -- Belo Horizonte, MG: Ed. do Autor, 2023.

PDF

ISBN 978-65-00-69338-6

1. Artes 2. Arte - Exposições - Catálogos
3. Objetos de arte - Exposições - Catálogos
I. Câmara, Marina. II. Amon, Daniela. III. Título.

23-155300

CDD-700.981

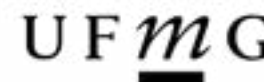
Índices para catálogo sistemático:

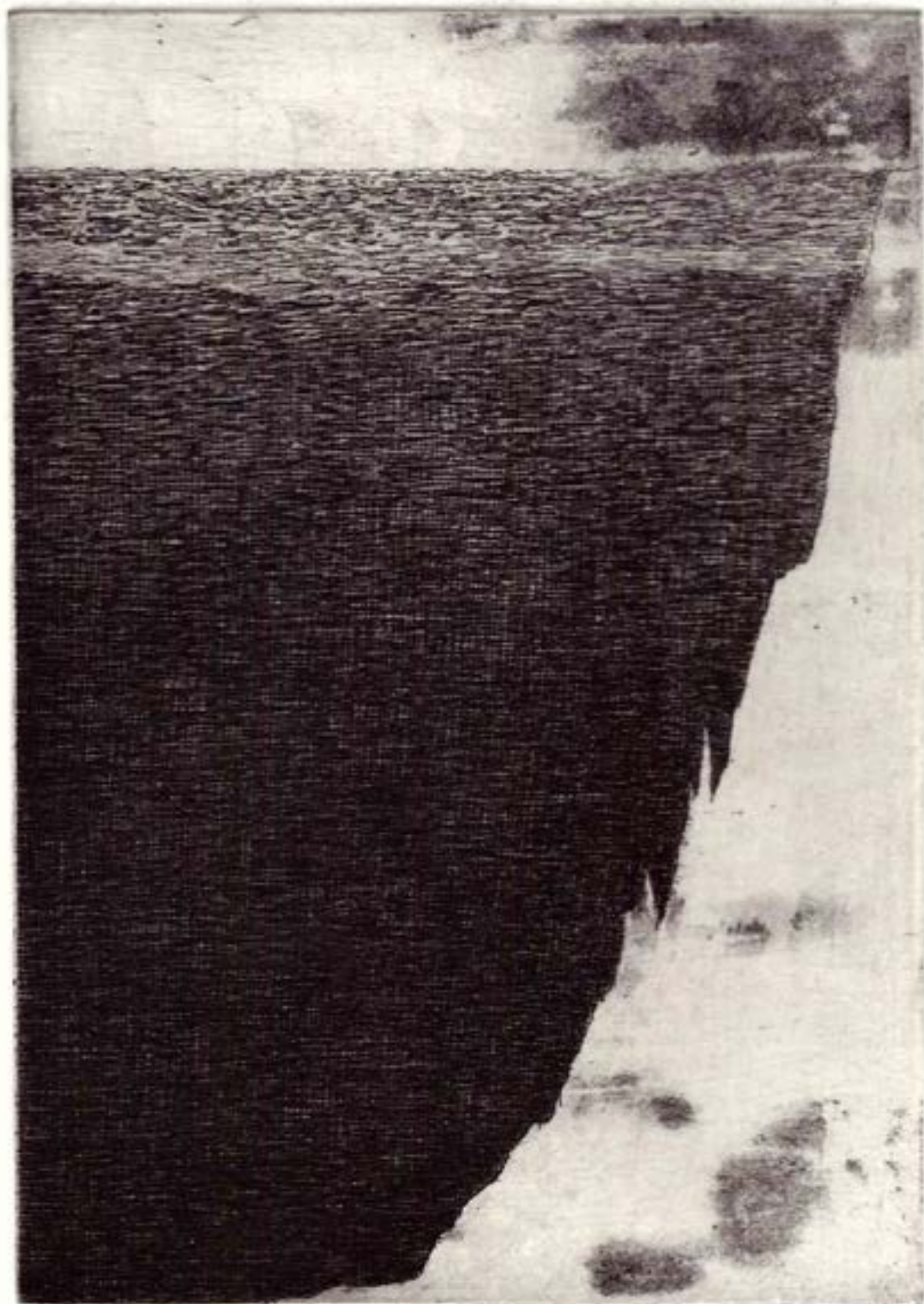
1. Artes : Brasil 700.981
Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Márcio Diegues
Centro Cultural UFMG
Março-abril 2023

Texto crítico de *Marina Câmara* e *Daniela Amon* para a exposição individual de *Márcio Diegues*; com performance de *Moisés Borges*.

As fotografias são de *Sara Não Tem Nome*. O projeto gráfico e a diagramação do catálogo são de *erre erre*. Publicado em maio de 2023.

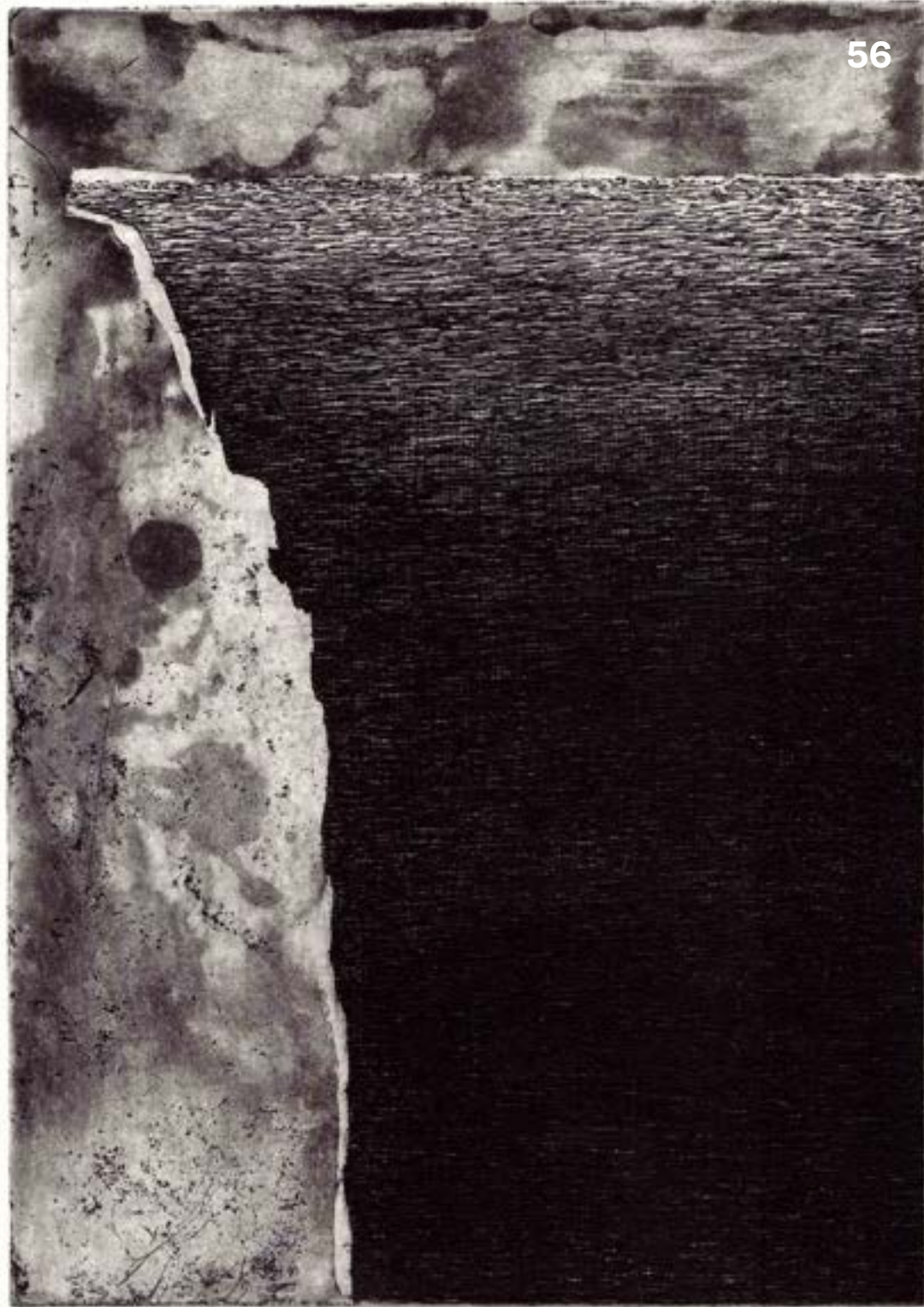




P.A.

"Pinnacles"

March 1914



56

"Pinnacles"

March 1914

**Como sobreviver
a um naufrágio**

**Márcio Diegues
Centro Cultural UFMG**

**março
abril 2023**

